

Inauguradas cinco exposições na Galeria de Arte da FOLHA



O recinto da galeria ficou tomado durante o ato inaugural por numerosos artistas e interessados nas artes visuais

INAUGURARAM-SE ontem, às 18 h 30, na Galeria de Arte da FOLHA (al. Barão de Limeira, 425) cinco exposições simultaneas de pinturas dos artistas Giselda Leirner, Maria Leontina, Tomie Ohtake, Hercules Barsotti e Willys de Castro. O ato inaugural contou com a presença de grande numero de artistas e pessoas interessadas nos setores das artes visuais, que lotaram o recinto da galeria. As cinco novas exposições ontem inauguradas permanecerão abertas à visitação do publico até o dia 27 deste mês, diariamente, das 7 às 22 horas, com exceção dos domingos, dias em que a galeria se abre às 16 horas.

APRESENTAÇÕES E EXPOSITORES conjuntas incluem-se apresentações de cada artista que, desta vez são assinadas por Pietro Maria Bardi, Ferreira Gullar, Wolfgang Pfeiffer, Willys de Castro e Theon Spanudis.

lar, Wolfgang Pfeiffer, Willys de Castro e Theon Spanudis.

Escreve Pietro Maria Bardi sobre Giselda Leirner afirmando que seu trabalho é "uma pintura composta com os ingredientes do espirito, os jeitos apropriados, querendo dizer coisas simples, fixar candidos motivos achados sem ter sido procurados" e que a artista "põe na sua pintura o genuino, a viveza, a independencia do seu temperamento."

Quanto a Maria Leontina, Ferreira Gullar declara que "ela pretende menos pintar um quadro do que criar ali o lugar propicio ao funcionamento de certos enigmas" e que "parece voltar ao problema inicial da atmosfera" na criação de ambientes onde ressurgem dois novos problemas: "o da luz e o da profundidade".

"As pinturas de Tomie Ohtake — assevera, por sua vez Wolfgang Pfeiffer — têm a base firme de uma composição que segura os elementos formais, com acentos necessarios, e numa maneira artistica, que nunca se perde num jogo de formas apenas".

Apresentando os trabalhos de Hercules Barsotti, diz Willys de Castro: "seu desenho não se torna algo aplicado em cima de, mas sim uma estrutura expressiva que se situa independentemente sobre o plano e que ao mesmo tempo o qualifica e o molda dentro do rigor e da inventiva".

Já Theon Spanudis, falando da obra de Willys de Castro, assegura que ele "consegue em sua obra captar e/ou realizar o tempo. Não mecanico, que se traduz em pintura como o sentido de movimento e velocidade, mas o tempo organico, aquele que cria, destrói e recria permanentemente e que se manifesta na arte nas formações temporicas".